

CARTA A TOBIAS HUME

CECILIA APRIGLIANO

Integrante do Conjunto de Música Antiga da UFF desde 2020. Entre 1995 e 2018 integrou o quadro de professores da Escola de Música de Brasília da SEE/GDF, onde criou o curso de viola da gamba a nível Básico e Técnico, ambos regulamentados pelo MEC. Doutora em Artes, pela linha de pesquisa Arte, Experiência e Linguagem, pela UERJ. Atua em formações camerísticas e como solista. Realiza colaborações com outras áreas das artes através de performances envolvendo artes visuais, dança e vídeo instalação. Com o Coletivo CONOSCO atuou na direção musical da montagem Barca di Venezia Per Padova de Adriano Banchieri em temporada no CCBB/Brasília e nos teatros do SESC, e na montagem de Venus e Adônis de John Blow (temporada CCBB-2019). Integrante fundadora do quarteto Estúdio Barroco.

O presente artigo toma a forma de uma carta a Tobias Hume, compositor e gambista (1569-1645), explorando a proximidade entre intérprete e compositor. Uma carta que resgata uma conversa atemporal sobre a natureza efêmera do som, que se dissipa a cada nota, a cada fragmento de tempo. Resta a memória. Sobrevive a gravação. A presença de um e de outro é sobreposta pela música composta por Hume interpretada ao longo dos séculos. O diálogo por meio de palavras e sons se faz necessário para que a música sobreviva.

música;
memória;
tempo;
intérprete;
carta.

Caro Sr. Hume¹,

Sua música me faz companhia há alguns anos e, por essa razão, sinto uma proximidade entre nós que me permite intimidade, como chamá-lo Tobias. Escrever essa carta para você, que está sempre muito próximo de mim, pode ser uma tarefa árdua, mas me comprometi a enviar-lhe algumas palavras que com certeza provocarão um diálogo entre nós. Meu desejo sempre foi saber sobre seus mais íntimos motivos para compor, lutar e seguir. Por que escreveu “*Death*”? Foi para alguém? Sempre que toco essa peça, penso em afetos que reverenciam o ato da morte, que pode vir também por uma necessidade de não querer mais sobreviver.

Escrevo essa carta, pois acolho esse eixo atemporal que nos aproxima, e sei que de alguma forma minhas palavras podem chegar até você. Provavelmente não por meios atuais, como um WhatsApp, um e-mail ou os correios, onde a colocaria em um envelope, endereçado para “*The Charterhouse*”, com o endereço: “*Charterhouse Square, London — EC1M 6AN — Charity*”, pois temos evidências de que, em 1624, você mudou-se para essa casa, onde viveu seus últimos anos. No seu tempo, a casa de Charterhouse acolhia soldados e refugiados da guerra. A história nos conta que você já era Capitão. Fizeram uma placa em sua homenagem!

Se penso nesse mundo sem um tempo cronológico, poderia colocar essa carta em uma garrafa em qualquer praia de mar aberto no sudeste do Brasil e as correntes marítimas a levariam até Londres, em um tempo indeterminado, e com certeza chegaria às suas mãos. Talvez se a terra girasse num sentido anti-horário? Mas creio não ser necessário, já que, ao executar sua música, sou uma viajante no seu tempo. Seria uma alucinação da minha parte? O que você acha?

1 Tobias Hume (c. 1569–1645) foi um compositor, gambista e soldado escocês. Ele é uma figura curiosa na história da música porque foi um dos primeiros a escrever para viola da gamba solo. Suas composições incluem danças, variações e peças experimentais, algumas usando técnicas percussivas na madeira do instrumento. Ele teria servido como mercenário em diferentes exércitos pela Europa. Sua carreira militar foi turbulenta, e no final da vida ele caiu na pobreza, terminando seus dias em um asilo para indigentes em Londres.

Mas minha intenção não é divagar sobre nossas distâncias geográficas ou temporais, e sim convidá-lo para juntar-se a mim em meu quarto de estudo. Um espaço que muda muitas vezes pois já estive em tantas casas diferentes. Você deve saber. Escute-me tocar. Escute minha viola da gamba. Penso em afinidades. Quais seriam as nossas? Tocar o mesmo instrumento? Termos lutado em guerras diferentes? Resistimos à ressonância e às rachaduras do tempo? Sei tanto e tão pouco sobre você. Meu primeiro contato foi por meio de uma partitura apresentada pela minha primeira professora de viola da gamba. A escrita da tablatura me cativou de tal forma que quis ler indefinidamente todas as suas obras. Ainda estava no século XX e engatinhava nas questões técnicas e musicais do meu instrumento, mas, através da sonoridade de outros intérpretes, me apaixonei e me envolvi na ressonância provocada pelos acordes compostos por você. A execução de qualquer de suas composições resulta na amplitude que cada momento requer, e o sentimento de conseguir alargar esse som a cada repetição é infinito.

Hoje, ao tocar uma de minhas violas da gamba, presenciei o desejo de traduzir e entender as notas e divisões rítmicas de outra forma. Estudava as partes de *Touch me Lightly* e, a cada nota, a tentativa de decifrar o título fazia com que o todo se tornasse um só. E não posso deixar de mencionar o quanto é divertida e atrevida a peça que compôs para dois tocarem em uma só viola da gamba! Temos incluído essa peça em algumas apresentações e, apesar de nos ter tomado algum tempo para desvendar o malabarismo de dois arcos tocando simultaneamente em um único instrumento, nós conseguimos. E foi muito lúdica a sensação de quebrar pequenas barreiras.

Escrevo-te de forma simples e tentarei ser meticulosa: estou no século XXI, e vou gravar algumas de suas peças. Sei que parece estranho, pois o verbo gravar certamente tinha outro significado no século XVII. Hoje, podemos gravar o som e ouvi-lo tanto no presente quanto no futuro. As pessoas por aqui já enviaram sons gravados para o cosmos. Se encontrar Kepler, conte isso a ele! Fazemos peripécias com as gravações: podemos equalizar graves e agudos, aplicar reverberações de todo o tipo, afinar alturas de notas, etc. Muitas vezes, obtemos um resultado sonoro quase ideal e, ao mesmo tempo, irreal pois somos conscientes da nossa eterna capacidade de errar. Gravar não é o mesmo que tocar ao vivo para uma audiência. Sabemos que, ao vivo, só temos uma chance — um instante para errar ou acertar.

Farei um pequeno roteiro para que saiba como funciona o processo da gravação.

Chego ao estúdio selecionado. O chão todo de madeira me agrada, pois sei que, para meus ouvidos, o som da viola da gamba reverbera melhor. A sala é pequena, e uma das paredes é de vidro, separando-me do técnico de gravação. Fechamos a porta da sala onde me encontro para garantir que nenhum som externo interfira no resultado. O aparato tecnológico é montado: o microfone é cuidadosamente posicionado em frente à parte frontal da viola da gamba, próximo ao cavalete, sem impedir os movimentos do arco. Os dedos da mão esquerda se movem, traduzindo a partitura junto à mão direita, que segura o arco e faz a corda vibrar, para que tudo, por alguns minutos, se transforme em som, com as notas e ritmos compostos por você.

Gravo uma peça de cada vez. Duração de *Death* - 4min47s.
A crina do arco é afrouxada e a gamba é posta cuidadosamente no solo.

Agora revivo o que gravei através da escuta. Coloco o fone no ouvido e cuidadosamente procuro resultados “bons” e “ruins”.

Repito. Novo ciclo, Viola da Gamba apoiada na perna, um pouco de concentração, respiro e ligo o microfone.

Souldier's Galliard - Tempo: 1min27s. Gravando.

O ciclo se repete inúmeras vezes até que o intérprete esteja satisfeito com o resultado ou, simplesmente exausto de ouvir repetidamente, decida finalizar o processo e aceitar os resultados já obtidos.

Espero que minhas palavras não tenham sido entediantes. Desfruto de suas composições como uma colaboração de vida, e estimo que possamos nos encontrar nessa gravação e em tantas outras oportunidades nas quais faço a sua música reverberar.

Meu afetuoso e sincero abraço,
Cecilia.

Gravação²

Faço o convite para que, através de seu dispositivo móvel, capture os códigos de resposta rápida (QR codes: Quick Response Code), nos quais disponibilizo três peças gravadas por mim em 2024 e compostas por Tobias Hume em 1605. Cada código desbloqueia um novo espaço de entendimento durante a audição dos áudios. Escute para observar cada detalhe musical que lhe chame a atenção: ritmo, andamento proposto para cada obra, fraseado musical e cada acorde (mais de uma nota tocada simultaneamente). Escute para investigar a ressonância do instrumento sob a ótica da física e como um evento que provoca uma reverberação poética para cada ouvinte. Uma escuta que imagina onde esse intérprete pode estar e especula de onde o compositor escreveu essa obra.

A ação de escutar contém o silêncio e o tempo necessário para processá-la. Uma pausa nas palavras escritas.

Recomendo, se possível, que a escuta seja feita mediante uma caixa de som, permitindo que o áudio seja reproduzido com graves, médios e agudos mais equilibrados.



FIGURA 1 — QR CODE.
SOULDIER'S GALLIARD. TOBIAS HUME. THE FIRST
PART OF AYRES. 1605.³
<https://youtu.be/br8Hcwe6e50>



FIGURA 2 — QR CODE.
MEDITATION. TOBIAS HUME. THE FIRST PART OF
AYRES. 1605.
<https://youtu.be/yTZ3DD1hMkA>



FIGURA 3 — QR CODE.
DEATH. TOBIAS HUME. THE FIRST PART OF
AYRES. 1605.
<https://youtu.be/GzXkJp2q5BY>

2 As gravações foram realizadas por Cecília Aprigliano em julho de 2024. Viola da Gamba construída por Fernando Ferreira/MG em 2016. Modelo Nicolas Bertrand de 1720.

3 HUME, Tobias. *The First Part of Ayres*. Edited by Frank Traficante. The Scholar Press Limited. Menston, England. 1969.

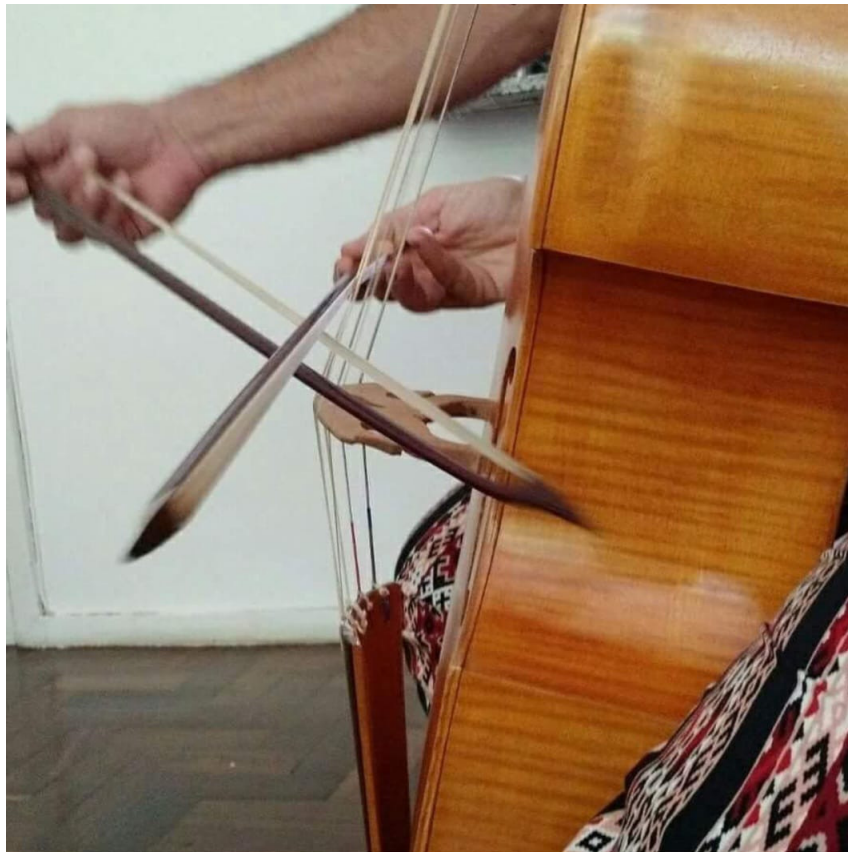


FIGURA 4
THE PRINCES ALMAYNE – TOBIAS HUME. PARA DOIS EM UMA VIOLA
DA GAMBA. 2018. ACERVO PESSOAL